



Deu drama no jornal: a busca por legitimação identitária em reportagem do Domingo Espetacular sobre a novela “Duas Caras”¹

Hideide Brito TORRES²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

O artigo articula a Análise de Discurso e a abordagem do telejornalismo sob o foco da dramaturgia para aproximar-se da matéria especial produzida pelo Domingo Espetacular, da Rede Record, sobre a novela Duas Caras, da Rede Globo. O texto parte da perspectiva de que tanto o uso da dramaturgia quanto o discurso empregado visam gerar intercessões discursivas focadas num nicho da audiência, o público evangélico, com objetivos de promover a identificação e encontrar legitimação identitária do canal para com este segmento. Perguntamos ainda, neste contexto, pela ética jornalística, pelo que é notícia e pelo papel do jornalista e sua responsabilidade no enunciado noticioso.

Palavras-chave: Telejornalismo; dramaturgia; discurso; evangélicos; notícia

Introdução

No dia 16 de março de 2008, a Rede Record levou ao ar uma reportagem que “deu o que falar”, misturando elementos jornalísticos e teledramaturgia de modo a construir uma notícia segundo a qual a Rede Globo praticou, na telenovela “Duas Caras”, um ato de preconceito contra os grupos evangélicos. Publicada posteriormente por *fiéis* no site www.youtube.com.br, a matéria teve 46 reações e 31.712 exibições num *post* e 30 avaliações e 14.718 exibições em outro, até o momento do fechamento deste artigo. Também podem ser encontrados inúmeros blogs que reproduzem a matéria, tecendo longos comentários. De fato, o tema é “polêmico”, para usar uma expressão que aparece inúmeras vezes no corpo da reportagem do Domingo Espetacular.

Este programa, num formato próximo ao do Fantástico, vai ao ar das 18h15 às 22h. É reapresentado na Record News das 22h à 1h. Estreou em 18 de abril de 2004 e atualmente é apresentado por Paulo Henrique Amorim, Janine Borba e Fabiana Scaranzi. No site do programa, é informado ainda que se trata de uma revista eletrônica

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social (2001) e em Teologia (1998) pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: hideide@gmail.com.



que traz “reportagens de denúncia, comportamento, ciência, turismo, medicina e aventura, além de um panorama geral (sic) dos fatos que marcaram a semana”.

A partir do viés da identidade, este artigo pretende discutir a construção de um discurso agregador, no telejornalismo da Rede Record, de propriedade de uma igreja reconhecida como evangélica, visando legitimar-se como porta-voz de um segmento religioso nos meios de comunicação de massa frente à hegemonia da Rede Globo. Para tanto, a referida matéria será abordada a partir de elementos da Análise do Discurso. Além disso, serão evidenciados os elementos de dramaturgia que constituem o enredo/roteiro da notícia, indagando pelos discursos, valores e ideologias que atravessam e perpassam o fazer jornalístico neste caso.

O jornalista e a empresa jornalística no enunciado da notícia: a estereotipização

Alfredo Vizeu afirma que o discurso jornalístico “é um trabalho de transformação incorporal dos fatos”; “um ato de linguagem”, “um processo de doação de sentido”; “uma disposição ordenadora dos fatos” (VIZEU, 2004, p.141-153). Para ele, as notícias são fatos socialmente construídos. Não se pode, portanto, deixar de tomar a imparcialidade/neutralidade como um mito, ou ao menos, como uma utopia. Concretamente, por mais que busque abster-se disso – e certamente em muitos casos deva fazê-lo – o jornalista está presente no enunciado que produz, pois

as palavras cumprem (...) o papel de manifestar o *eu* sempre em confronto com o *outro*. (...) Ao manifestar uma e não outra palavra (escolhida no universo de sua enunciação, no universo disponível de acordo com a classe social e outras variáveis), o homem está participando da construção (no sentido de mudança ou permanência) e emitindo sua reelaboração do universo que lhe foi entregue ‘pronto’, classificado, organizado pelos membros daquele grupo. Assim se reconfiguram ou se revolucionam estereótipos ou paradigmas. (BACCEGA, 1988, p.85-86)

A estereotipia é parte do processo de manutenção da ordem social e simbólica, simplificando e homogeneizando as questões na sociedade. Na constituição da matéria exibida pelo Domingo Espetacular, embora haja uma rejeição aberta à ideia da estereotipia para definir o chamado “evangélico” é também a ela que se recorre para defendê-lo dos “ataques” perpetrados pelos personagens da telenovela e, em última instância, pela Rede Globo de Televisão.

Estereotipar é um modo de facilitar as conjunções mentais, estabelecendo ancoramentos frágeis e incompletos, muitas vezes tomando-se a parte pelo todo,



essencializando o que não o pode ser. Na contingência e no pragmatismo do cotidiano, a alternativa é acomodar-se a essa maioria ou romper abertamente com ela, visando sua transformação. De fato, quanto mais se tem consciência de como funcionam os mecanismos da estereotipia, mais se tem uma postura crítica que possibilita mudanças de paradigmas essencializados na sociedade.

No fazer jornalístico, essa prática se faz importante, uma vez que é no afã da matéria, na cotidianidade, no “piloto automático” da produção noticiosa que mais os estereótipos se tornam utilizáveis, uma vez que constituem esquemas mentais *recebidos prontos* na vida em sociedade, os quais nos envolvem de modo mais pernicioso e imperceptível, se agimos de modo irreflexivo. Desta forma, no constituir da notícia, deve o jornalista reconhecer as manifestações das ideologias formadas pelas sociedades e seus grupamentos, manifestações presentes de fora para dentro em seu enunciado. Esses movimentos acompanham os atos, gestos e até mesmo a “consciência” das pessoas em seu cotidiano, e são constantes. Os sistemas constituídos encontram nesses movimentos seu reforço, sua manutenção, sua atualização e, eventualmente, até mesmo sua substituição por algo novo.

Uma vez que os valores imbuídos no jornalista se fazem presentes em seu enunciado, já não se trata apenas de *reproduzir* os fatos ou de *levar* a notícia. Trata-se de *mediar* a realidade, doutra feita, *representá-la*. A tomada de consciência disso faz toda a diferença e, estando presente no enunciado, poderá fazê-lo transformador, cumprindo com a tarefa identitária do jornalista também, qual seja, contribuir, no desempenho de sua função, para que o direito à informação e à cidadania seja efetivado para o todo da sociedade.

A origem da notícia: a apropriação dramática

A matéria do Domingo Espetacular teve como base uma reportagem veiculada pela Revista Veja, de circulação nacional, com o título: *Fogueira Santa* e o provocativo subtítulo: *Com os arroubos de uma fanática, a novela Duas Caras compra briga com os evangélicos*. A reportagem descreve a cena da novela, em que a personagem vivida pela atriz Susana Ribeiro, chamada Edivânia, provoca uma histeria coletiva ao atacar os outros personagens que viviam um triângulo amoroso na trama.

Toda a construção do texto tem um teor polemizador, ao utilizar expressões tais como: “deu um show de intolerância”; “Com a *Bíblia* (grifo da matéria) em punho, vociferou”; “perdeu as estribeiras de vez”; “caras e bocas (...) dignas de O exorcista”; “crentes do bem” versus “crentes do mal”; “pôr mais lenha na fogueira”. O texto expressa ser “notório que a Globo tem a antipatia de uma parcela dos evangélicos – e vice-versa”. Abusa dos adjetivos para descrever a constituição dos personagens e a estrutura das cenas e termina com uma frase ainda mais provocativa, colocando a personagem da atriz Leona Cavalli, Dália, “como uma boa católica”.

A versão televisiva do Domingo Espetacular, com o fim de legitimar e fundamentar sua relevância, recorre de modo intenso a essa fonte, uma vez que a revista é de “circulação nacional”. Dramatiza e torna o texto de Veja o roteiro no qual se construirá o seu discurso. A página com a reportagem é exibida em diversos momentos, em movimento crescente e descrente na tela, enquanto o repórter faz narrativas em *off*. O mesmo tom polêmico e apologista aparece na forma como o apresentador Paulo Henrique Amorim conduz a exibição da telenotícia. Frases da matéria da revista de Veja aparecem em destaques posteriores, para reforçar as intencionalidades na forma como as cenas da novela teriam sido construídas. Por exemplo, a “revelação surpreendente” de Veja, de que a atriz foi orientada pelo diretor da novela a “parecer louca”.

Com o respaldo da Revista, a matéria se organiza como uma paródia, procurando produzir relevância e impacto pela mera repetição de conteúdos. Nada acrescenta de novo como informação relevante. Estrutura-se tão somente em aportes discursivos.

O conflito como ponto de partida da notícia e a ‘trama’ jornalística

A pesquisadora Iluska Coutinho tem estudado o fato de que os telejornais têm adotado como tendência o uso de estruturas narrativas para a veiculação das notícias. Segundo Coutinho,

A estruturação das notícias e reportagens veiculadas na televisão como uma narrativa, dramática, é uma realidade no produto veiculado em nível nacional pelas emissoras de TV brasileiras. A existência do que denominamos como Dramaturgia do telejornalismo brasileiro, em uma tentativa de estabelecer um paralelo entre notícia e drama como forma de analisar a informação na TV, foi evidenciada durante pesquisa de doutorado realizada entre 2001 e 2003. (COUTINHO, 2005, p.1)



Para a autora, essa estrutura possui algumas características específicas na forma como a notícia é construída. Ensjamos fazer esta observação no corpo da matéria em questão, fazendo uso também da análise do discurso na construção desta notícia e seus reflexos identitários.

A primeira característica apontada por Coutinho seria a *existência de conflitos*, narrados pelo repórter ou apresentador. Problemas, ações e disputas seriam os eixos em torno dos quais a notícia é construída. Ao analisar a matéria do Domingo Espetacular, é possível detectar o conflito como ponto de partida da articulação textual da notícia.

Articulado a esse conflito, temos também a *existência de um enredo*. “A forma de contar uma história em nossos telejornais, especialmente o padrão ou roteiro para construção de uma matéria com texto, som e imagem, seria o segundo aspecto dessa dramaturgia” (COUTINHO, 2005, p.2). Paulo Henrique Amorim aparece na tela, com a mão no bolso do terno, em postura compenetrada. Como trilha sonora, uma música em tom de suspense.

A força das narrativas televisivas é que a trama, a dramaturgia, os efeitos visuais e sonoros podem formar um todo difícil ao telespectador ignorar, devido à ambiência e atmosfera de suspense que é criada. Tais narrativas exploram o potencial dramático do meio. (EKSTRÖM apud GOMES, 2008, p.61)

Como numa história, o apresentador assume o papel de narrador, aquele que contará os fatos a partir de uma pretensa imparcialidade, denotada por sua postura corporal inerte e falta (!) de expressão facial.

Os elementos não-verbais são, assim, parte fundamental na construção da *trama jornalística*, uma vez que por meio deles se constitui certo estado de espírito no qual se planeja inserir o telespectador, fazendo-o posicionar-se frente ao narrado. Não se trata, neste caso, apenas de informar, mas, por meio da estrutura narrativa, despertar os sentimentos do telespectador, especialmente aquele que se enxerga identitariamente conectado ao segmento evangélico. Esse sentimento se torna exacerbado quando percebemos a constatação de que, na sociedade hodierna, “tendemos a viver em constante estado de alerta, desconfiados das intenções perversas latentes em certos grupos ou categorias específicas de pessoas” (FREIRE FILHO e MARQUES, 2008, p.83).

O apresentador introduz o assunto: “Uma novela, com personagens evangélicos, reacende uma antiga polêmica sobre o preconceito religioso no país”. A seguir, a imagem corta para a outra apresentadora, que completa: “Neste fim de semana, uma das principais revistas do país mostrou as reações às cenas de uma novela em que os evangélicos são retratados como (aqui se tem uma entonação mais forte da voz) *fanáticos*”.

Nesta cabeça de locutor, percebe-se claramente o elemento do conflito: “reacender uma antiga polêmica”; “preconceito religioso” e “fanáticos”. Esses enunciados trazem à memória do povo brasileiro uma série de eventos passados que são atualizados e ressignificados conforme o local de onde fala o enunciador e de onde o telespectador se coloca. Não se trata, portanto de uma escolha aleatória de palavras, pois

o sentido de uma palavra ou de um conjunto de palavras não existe em si mesmo; ele resulta das posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico: *as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inserem (BACCEGA, 1988, p.90).

Pouco importa, neste caso, que o fundamento da notícia se apóie numa obra de ficção – a telenovela. A realidade é constituída pelo fato de estar na tela da televisão e tanto os construtores da notícia como seus receptores encontram-se, enfim, mediados por um simulacro.

Os simulacros são experiências, formas, códigos, digitalidades e objetos sem referência que se apresentam mais reais do que a própria realidade, ou seja, são “hiper-reais”. Como ele (Baudrillard) escreveu: “*A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real*”. Assim, Baudrillard entendia nossa condição como a de uma ordem social na qual os simulacros e os sinais estão, de forma crescente, constituindo o mundo contemporâneo, de tal forma que qualquer distinção entre “real” e “irreal” torna-se impossível. (SIQUEIRA, 2007)

Desta forma, podemos concluir que o conflito proposto pelo discurso jornalístico, embora um simulacro, torna-se a base para a construção de representações e formações ideológicas que visam produzir uma resposta de cunho apologético no telespectador (seja ele evangélico ou não, como veremos adiante) frente ao enunciado.



Fontes, figurantes e personagens no universo noticioso

Ao estabelecer o conflito pela fala do apresentador, que introduz o enredo da trama que se desenrolará, segue-se outra característica apontada por Coutinho: *a existência de personagens* (COUTINHO, 2005, p.2). Podemos dizer que os protagonistas seriam, de um lado a Rede Globo, pela telenovela *Duas Caras*, e por outro lado, todos os segmentos religiosos conhecidos pela alcunha de “evangélicos”. É patente o interesse da uniformização identitária deste grupo na constituição da notícia, como veremos adiante, na análise dos líderes religiosos entrevistados para a mesma. Cabe pontuar aqui um problema identitário levantado por Saulo Baptista:

O problema dessa aguerrida disputa pela identidade evangélica persiste, quando se percebe que evangélico passou a ser categoria guarda-chuva, adotada pelos “de fora”, para designar indistintamente protestantes e pentecostais. Este procedimento costuma ser adotado, também, pelos grandes meios de comunicação, repercutindo, desta forma, o senso comum prevalecente na sociedade (BAPTISTA, 2006).

Com isso, há uma grande perda no impacto identitário desses grupos e em suas interações sociais: o empobrecimento das representações (cf. WOLTON, 1996, p.127), com maior risco de um nivelamento (normalmente por baixo) e da criação/manutenção de estereótipos cada vez mais sedimentados na sociedade e nos indivíduos.

Voltando à análise da matéria, tem-se, logo após a exibição da página de *Veja*, as cenas da novela, que provocaram o que o repórter descreve como “mal-estar geral”. Elas se repetirão à exaustão até o final da reportagem, uma vez que se constituem em *evidências*. Em *off*, o repórter utiliza palavras carregadas de sentido ideológico: Os “personagens evangélicos praticam atos de intolerância, preconceito e violência”. A personagem central do conflito novelesco é descrita pelo repórter com as palavras “fanática e desequilibrada”, termos que também aparecem no corpo da matéria publicada pela Revista *Veja*. Os personagens da *novela* se transformam em personagens da *notícia*. Suas falas e ações são tomadas como fatos desencadeadores de reações na sociedade.

O repórter afirma que “as cenas (apresentadas na telenovela *Duas Caras*) foram consideradas chocantes”, mas não especifica ainda quem se sentiu chocado. A seguir, cita novamente a revista *Veja*, em sua afirmação de que blogs religiosos já



havam criticado a novela. Aparecem imagens de diversos sites da internet, com manchetes tais como: “Duas Caras, cenas de violência irritam evangélicos” e “O preconceito da TV Globo”. Por fim, cita os telefonemas dados por fiéis ao sistema de atendimento da Rede Globo após a exibição do capítulo do folhetim. Por meio das imagens dos blogs, instaura-se a ação dos personagens – os evangélicos indignados e ofendidos – mesmo que eles não apareçam diretamente representados, nem suas falas são, efetivamente, reproduzidas.

Neste momento, entram em cena os especialistas e figurantes. “Mesmo cientes do espaço miúdo que lhes será concedido, os peritos convocados pela mídia não se furtam a tecer conjecturas e fornecer recomendações, em benefício do esclarecimento público” (FREIRE FILHO e MARQUES, 2008, p.90). Para efeito analítico, vamos listá-los por categorias:

a) *Líderes religiosos*: um pastor da Igreja Metodista Wesleyana, Roberto Amaral e outro da Igreja Batista Getsêmani, Jorge Linhares (este é um nome muito conhecido entre as igrejas evangélicas, conferencista e autor de vários livros). Representantes de outras religiões, como o vice-presidente da Federação Israelita de São Paulo, Ricardo Berkiensztap.

Entretanto, nenhuma liderança da Igreja Universal, à qual a emissora é vinculada, é entrevistada. Nenhuma ausência, entretanto, é gratuita. Esse ocultamento ou silenciamento levanta a suspeita de que a posição da matéria visa obter aprovação e proximidade dos evangélicos em geral, desviando o foco do eventual conflito subjacente, qual seja, a relação tempestuosa pela audiência entre Rede Record e Rede Globo. Ou eventualmente, interesses particulares relacionados com a Igreja Universal ou seu dirigente, o bispo Edir Macedo.

A fala dos líderes religiosos tem a função, na matéria, de abarcar as diferentes identidades evangélicas sob um denominador comum: o sentimento de perseguição por parte da novela e, por extensão, da referida emissora de televisão. Não cabe aqui avaliar, é claro, se esse fato procede ou não. A novela não é foco de interesse deste artigo, senão a construção noticiosa que surge em decorrência dela.

Como personagens, os líderes, que pertencem a instituições sólidas, historicamente calcadas, são guardiões da memória e da tradição. Isso tem um peso em grupos sociais que, como os religiosos, têm uma visão de si pautada pelo conceito de



comunidade. Raquel Paiva comenta que “um dos propósitos básicos do ideal de comunidade é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação. Deixa de ser aquele ser sozinho que a sociedade industrial produziu” (PAIVA, 2003, p.84). Esse ideal é também um discurso que promove a solidariedade. Em termos bíblicos, “se um membro sofre, todos sofrem com ele”. Desta forma, frente a uma ameaça externa, as facetas identitárias distintas dos evangélicos podem ser esmaecidas e suplantadas por um discurso unificador, que elimina a diferença.

Em suas falas, os líderes argumentam em favor de outro estereótipo de evangélico, segundo eles, o legítimo: alguém que é tranquilo, amoroso e tolerante, inclusive com aqueles “diferentes” de si mesmo. A novela é classificada como mentirosa. Nesse caso, quaisquer evidências que contrariem esse ponto de vista não são apontados pela matéria ou pelos entrevistados. O risco para tais posicionamentos, além do questionamento, passa também pelas marcas identitárias: “Quando essencializamos as categorias identitárias (...) tornamos invisíveis as condições de emergência das mesmas, as relações de poder que se dão no campo da cultura, implicadas na constituição das mesmas” (GUARESCHI, 2006, p.2).

A fala do rabino judeu é fundamental para estabelecer vínculos com outros grupos religiosos que, eventualmente, possam se sentir prejudicados na exposição midiática. Ele compara a novela ao nazismo, dizendo que Hitler também se utilizou de estereótipos para levar sua nação a odiar os judeus. Aqui a matéria ganha um ar mais universalizante: qualquer grupo que professe de modo enfático sua fé pode tornar-se vítima da maior emissora de televisão do País. Com o estabelecimento de um estado de horror, por um lado, cria-se um discurso aglutinador, por outro.

b) *Profissionais/especialistas*: aparecem Cássio Ferreira Neto, advogado, especialista em Direito Constitucional; Jane Marques, Doutora em Ciências da Comunicação e especialista em telenovelas; Leonildo Silveira, professor-doutor em Ciências da Religião, ligado à Igreja Presbiteriana e que ministra aulas na Universidade Metodista de São Paulo; Michelson Borges, jornalista, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que mantém um site sobre comunicação, religião e afins.

A presença desses especialistas é incrementada com elementos de construção audiovisual (no caso, os cenários) que lhes dão credibilidade e ajudam também a reforçar elementos estereotípicos das profissões. Assim, o advogado aparece



numa mesa, tendo à frente um computador, e atrás de si uma estante de livros. No decorrer da matéria, ele aparece mais do que os outros especialistas e com sua orientação a matéria é encerrada.

Depois da primeira fala do advogado, há um corte no roteiro e entram em cena os “vilões” da narrativa, que aparecem em oposição aos evangélicos. Entretanto, é uma referência indireta, uma vez que nenhum ator, autor ou empresário da Rede Globo é entrevistado na matéria. As palavras de Agnaldo Silva, o autor, são extraídas de seu blog, cuja página é exibida com destaques para algumas frases. O repórter intervém na fala de Agnaldo Silva quando enuncia que ele “*tentou justificar* as cenas” e a seguir aparece na tela em destaque a frase extraída do blog: “Eu queria mostrar que não há igrejas melhores nem piores, mas que são péssimas quaisquer formas de fanatismo ou de preconceito”. A seguir, o autor argumenta que na cena apareceriam pessoas de outras religiões no ataque liderado pela personagem Edivânia.

Novamente, a matéria põe a novela no ar e o repórter apresenta um enunciado que contradiz o autor, no qual afirma que, na verdade, os personagens são caracterizados unicamente como evangélicos. O texto convida o telespectador a observar as roupas e posturas dos personagens a partir do convite indireto: “é possível ver...”. Essa expressão tem por objetivo estabelecer uma proximidade entre o telespectador e o narrador da notícia, fazendo-o partilhar um olhar, uma observação e, conseqüentemente, um ponto de vista e uma conclusão acerca do que é projetado na tela da televisão.

A seguir, o repórter, em *off*, introduz a Doutora em Comunicação e especialista em novelas, que aparece em seu computador, trabalhando. No corte, ela aparece de frente para a câmera, tendo livros ao fundo, e inicia sua fala com uma expressão da importância do tema: “Novela é coisa séria”. Ela descreve de que formas a novela interfere no cotidiano, promovendo polêmicas, introduzindo ou modificando valores, enquanto as imagens das cenas voltam a repetir-se na tela. Ela adverte: “É preciso tomar cuidado (...) no fundo, as personagens não são criadas ao acaso”.

A matéria tem uma nova ruptura aqui, quando são retomados outros trabalhos da emissora Globo sobre o universo evangélico, sendo apresentadas cenas da minissérie “Decadência”. O repórter afirma: “Não é a primeira vez que a Rede Globo usa personagens polêmicos para ridicularizar os evangélicos”. Uma cena da minissérie,



na qual o protagonista (Edson Celulari) aparece com uma mulher, rolando sobre a cama, enquanto uma Bíblia cai no chão, é retomada. Essa reconstituição da memória, a reconstrução do passado misturando a imagem (concreta) com a fala do repórter (interpretativa), somando-se ainda a música de suspense, visa adicionar dramaticidade e promover reações emocionais dos telespectadores. Vale a pena recordar que, à época da exibição da minissérie, havia uma série de discussões nos meios de comunicação em geral de que o pastor representado por Celulari seria, na verdade, uma tipologia do próprio Edir Macedo, bispo e *proprietário* da Igreja Universal, então em seu auge.

De modo interessante, após esta cena é introduzido o terceiro perito, o prof. Leonildo Campos. É informado que ele é da Igreja Presbiteriana e seus vínculos institucionais e profissionais. Sua entrevista ambienta-se numa Igreja. Ele entra caminhando entre os bancos e aparece ao púlpito, folheando uma Bíblia. A seguir, sua fala informa que os evangélicos estão numa “luta” por seu crescimento e que essa presença, na televisão especialmente, esbarra em tentativas “do lado de lá” em detê-la. Esta fala acentua o conflito e coloca a discussão em termos dualistas, embora não se aprofunde, na entrevista, o que seria este “lado de lá”.

c) Um personagem não-identificado diz sentir-se “atacado” pelas cenas da novela. Ele afirma ainda que ficará difícil convidar alguém para ir à sua igreja, pois as pessoas, tendo a novela em mente, evitarão se aproximar. Vamos tratá-lo nesta análise como um figurante, alguém do povo, um evangélico sem vínculo definido e cuja fala, portanto, pode gerar empatia em qualquer telespectador.

A matéria é encerrada com outra fala do advogado, que cita novamente a Constituição, interpreta a lei e chega a encaminhar a sugestão ao telespectador de que o Ministério Público deve ser acionado para garantir os direitos supostamente feridos pelas cenas da telenovela. O “*gran-finale*” ilustrado por cenas da novela, põe em perspectiva a figura do único segmento, a ver do todo da matéria, capaz de dar outro epílogo a este roteiro: o poder público. Assim o conflito atinge seu clímax, com a espera pelo “peso da Justiça”.

Considerações finais

A análise da reportagem do Domingo Espetacular nos mostra como a construção da notícia, usando da dramaturgia, pode confundir informação e



entretenimento, misturar real e ficção e provocar reações as mais diversas nos telespectadores, para além da transmissão do fato. Um enunciado jornalístico carrega sentidos, transforma ou solidifica realidades, estabelece e/ou consolida e/ou transforma estereótipos no meio social.

A fragilidade do fator-notícia se evidencia pelo fato de uma matéria, que ocupou dez longos minutos de uma revista eletrônica, em formato de telejornal, ter sido construída sobre uma reportagem de uma página, numa revista de circulação nacional, e num capítulo de uma telenovela, sem uma discussão embasada em qualquer fato real, apreendido fora da ficcionalidade. O único fato que se apresenta é a reação de um determinado público a um evento ficcional, mediada por uma revista impressa e revisitada por uma revista eletrônica. Entretanto, em todo decorrer da matéria, a população, o “cidadão comum”, que poderia questionar ou visitar o estereótipo, é ocultado. Seria interessante ver num conteúdo como esse a expressão do “Fala, povo” e suas possíveis leituras identitárias destoantes dos modelos propostos tanto pela telenovela quanto pelo programa Domingo Espetacular.

Matérias como esta, de cunho popularesco, calcadas em fatos polêmicos e abordadas de modo, em certo sentido, apologético, levantam questionamentos sobre o papel do telejornal, do jornalista e do telespectador frente a esse cenário. Diversos estudos atuais apresentam preocupação com aquilo que é considerado a espetacularização da notícia:

Sensacionalismo, dramatização, tabloidização, trivialização e *infotainment* são atribuídos ao caráter comercial do jornalismo e traduzem, ao mesmo tempo, uma preocupação com o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, realidade e ficção, um desencantamento – a época de ouro do verdadeiro jornalismo teria acabado – e um reconhecimento da inevitabilidade do fenômeno – a popularização seria uma tendência da mídia contemporânea e não deixaria de fora a produção da notícia (GOMES, 2008, p.58).

E como fica o jornalista, na questão ética, em episódios como esse, em que a vinculação religiosa do telespectador claramente é utilizada no sentido de produzir não uma indignação frente a um estereótipo constituído socialmente, embora utilizado pela mídia, mas na busca por alguma *revanche* frente ao suposto ataque? O papel do jornalista torna-se, em casos como esse, passível de questionamentos e sua posição como um tradutor da realidade fragiliza-se.



Diversas pesquisas, acadêmicas ou não, evidenciam o quanto este profissional goza da confiança da população. Prova disso são os diversos momentos em que as redações de jornais, revistas e telejornais são procuradas por pessoas em busca de soluções para problemas concretos da vida. “O que deve ser constatado é que no imaginário desses telespectadores, o telejornal é uma alternativa para a solução dos seus problemas. Eles têm mais confiança nos jornalistas do que nos governantes” (CORREA GOMES, 2006, p.2). Seria, portanto, justo ou ético que questões que calam fundo, como a religião, a orientação sexual, aborto ou temas afins sejam tomados por pretexto de outras questões?

Cabe deixar aqui a indagação, pois o enunciado jornalístico, num mundo cada vez mais mediado pelos meios de comunicação e por eles interpretado, corre o risco de ser tomado, por vezes, não como uma construção social do fato, mas pelo fato em si, com peso e valor simbólico e repercussões sociais inesperadas podem disso advir. A identificação proveniente da visualização das matérias gera agregamento: “O sujeito fragmentado descrito por Hall se identifica com seus concidadãos quando partilha com eles os problemas do cotidiano” (CORREA GOMES, 2006, p.2).

O desafio da conscientização quanto à força dos enunciados jornalísticos deve impulsionar o jornalista e o pesquisador a questões cada vez mais profundas sobre o poder da comunicação para promover/difundir discursos e, por eles, influir decisivamente nas identidades. Tanto os que produzem a notícia quanto os que a recebem e os que pesquisam acerca dela possuem uma responsabilidade própria:

Nesse processo, nos descobrimos não apenas como consumidores de eventos, mas também como sujeitos envolvidos com eles de alguma maneira. Somos chamados a marcar posições, a formar uma opinião ou mesmo a assumir responsabilidades por questões e circunstâncias próprias de um mundo em constante movimento de interconexão. Em um país como o nosso que se conhece e se reconhece pela televisão, onde é ela a responsável por fornecer a primeira e a última imagem sobre todos os assuntos, o exercício da crítica é antes de tudo, uma possibilidade de pesquisa sobre relações de poder na cultura nacional’ (PALHA, 2006).

Por outro lado, o discurso sobre o que é ser evangélico no Brasil, embora seja apresentado na matéria na voz de diferentes líderes, não é polifônico em seu conteúdo e não consegue apresentar a multiplicidade de sentidos e enunciados existentes ou abarcar as realidades que o ser evangélico implica. Assim, pode-se tornar



perigoso que um programa jornalístico se disponha a *falar em nome* de um ou outro grupo – qualquer que seja ele – na vida em sociedade.

Na reportagem do Domingo Espetacular, a discussão se encerra sem debater de modo profundo os diversos preconceitos, inclusive o religioso, existentes na sociedade e reproduzidos na telenovela. Ela fica focada tão somente no efeito punitivo que deveria ser buscado em relação à outra emissora. Interesses comerciais superam, evidentemente, os interesses da notícia e do telespectador. A questão do preconceito, embora séria, torna-se mercadoria, espetáculo e, assim, esvazia-se do seu sentido.

O trabalho da pesquisa, ao desconstruir a notícia, examiná-la e refletir sobre ela, constitui o esforço de auxiliar, de modo particular, tanto o jornalista quando o telespectador a sair do chamado “piloto automático”. Isso significa deixar de operar por esquemas mentais já previamente recebidos no convívio social e descobrir-se no potencial de melhor administrar e gerenciar os discursos que nos atravessam. Não é tarefa das mais fáceis, mas deve ser buscada a todo custo.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1988.

BAPTISTA, Saulo. Palestra para o evento da WACC (World Association for Christian Communication), realizado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, apresentada no dia 08/07/2006 (não-publicado).

COUTINHO, Iluska. Celebração no telejornalismo local: a festa de N. Sra. Aparecida na TV em Juiz de Fora. Texto apresentado ao GT7: **Comunicação sonora e audiovisual**, IX Celacom (2005). Disponível em <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT7%20-%20004.pdf>>, acesso em 10 de junho, 2009.

FREIRE FILHO, João e MARQUES, Carla. Sob o domínio do medo: a construção de sujeitos tímidos e sujeitos temerosos na mídia. In: COUTINHO, Eduardo Granja, FREIRE FILHO, João e PAIVA, Raquel (orgs.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. O que é popular no jornalismo popular? In: COUTINHO, Eduardo Granja, FREIRE FILHO, João e PAIVA, Raquel (orgs.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

GOMES, Taiga Correa. A localidade no telejornalismo: um espaço de interação e pertencimento. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da**



Comunicação. XI Simpósio de Comunicação na Região Sudeste, Ribeirão Preto, 22-24 de maio de 2006.

GUARESCHI, N. A mídia e a produção de modos de ser da adolescência. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 30, 2006.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

PALHA, Cássia R. Louro. Mídia televisiva e história: apontamentos metodológicos. In: **O Olho da História**. Ano 12, n.9, dezembro de 2006. Texto apresentado ao III Simpósio Nacional de História Cultural, Florianópolis, ano 18 a 22 de setembro de 2006.

SIQUEIRA, Holgosi Soares Gonçalves. Jean Baudrillard: importância e contribuições pós-modernas. In: **Caderno Mix Idéias**, Jornal "Diário de Santa Maria, 31 de março de 2007.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. In: **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, 2004.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo, Ática, 1996.